SHUTTERSTOCK



ABERTURA DE CAPITAL: UMA OPORTUNIDADE PARA O AGRONEGÓCIO



JACYR DA SILVA COSTA FILHO

Presidente do Conselho Superior do Agronegócio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Cosag/Fiesp)

O agronegócio é uma forte engrenagem da economia brasileira. O setor foi responsável por 21,4% do Produto Interno Bruto (PIB) do País em 2019, segundo a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Em 2020, em meio a uma pandemia, o agro brasileiro seguiu performando e deve apresentar um crescimento de cerca de 9% em relação a 2019, segundo a CNA. Para 2021, apesar de algumas incertezas, principalmente por questões climáticas, o setor deve continuar crescendo. Apesar de toda essa pujança, o agronegócio possui uma participação tímida no mercado de capitais. Hoje, na bolsa de valores brasileira (B3), considerada a maior da América Latina, com valor de mercado de US$ 938 bilhões, estima-se que o setor represente apenas 4%.

Das quase quatrocentas empresas listadas na B3, apenas onze são ligadas ao agronegócio, sendo sete companhias de diversos segmentos – de sementes à produção de açúcar e etanol – e quatro do mercado de proteína animal. Em 2020, notamos que o cenário começou a passar por uma transformação muito importante. De outubro ao começo de dezembro, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) recebeu o registro de seis companhias do setor interessadas em abrir capital.

Embora com 130 anos, a bolsa de valores brasileira, só agora, visualiza um movimento considerável do principal motor econômico do País. A maioria das companhias, ao buscar uma Oferta Pública Inicial (IPO, na sigla em inglês), tem interesse em levantar capital. Mas por que isso está ocorrendo só agora? Essa é uma pergunta que debatemos ao longo das reuniões do Cosag, com a participação de especialistas do setor financeiro e da área econômica.



POLÍTICAS CORPORATIVAS AMBIENTAIS

A dinâmica do mercado faz parte da explicação. Com a queda de juros ao menor patamar da história, os investidores estão em busca de outras opções para aplicar. Por outro lado, as empresas estão atrás de capital para financiar suas operações e sua expansão e encontram, com as IPOs, uma boa alternativa. Com as perspectivas de crescimento e a performance do agronegócio renovadas anualmente, o interesse por investir no setor também aumenta.

A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO, na sigla em inglês) estima que, até 2050, quando a população mundial chegará a quase 10 bilhões de pessoas, será necessário um aumento de 60% na oferta de alimentos no mundo. Graças à sua competitividade e à sua capacidade de crescimento da produção por meio da tecnologia, o Brasil deverá ter um papel importante para o cumprimento dessa meta.

Os investidores que almejam ver suas empresas listadas na bolsa precisam cumprir rigorosos requisitos não apenas dos órgãos reguladores, mas também do mercado. Não basta apenas um bom desempenho financeiro e uma receita consistente; é necessário ter uma boa história para contar e, mais do que nunca, ter políticas corporativas ambientais que, de fato, façam a diferença para a sociedade.

PRÁTICAS EM SUSTENTABILIDADE E GOVERNANÇA

Uma tendência da Europa e dos Estados Unidos que chegou com força e ganha cada vez mais espaço no Brasil é a de ESG, sigla para Environmental, Social and Governance (em português, melhores práticas ambientais, sociais e de governança). Trata-se de um plano diretor mandatório que deve estar bem definido e fazer parte do DNA de qualquer empresa que queira conquistar investidores. O plano de ESG é uma oportunidade de mercado, já que investidores consideram as práticas ambientais, sociais e de governança nos processos de tomada de decisão. Vale ressaltar que o agronegócio brasileiro se pauta pela sua sustentabilidade.

A abertura de capital possibilita a implementação de uma melhor governança em todos os aspectos de funcionamento da empresa, trazendo maiores transparência e credibilidade para as suas práticas. Consequentemente, a companhia consegue acesso a outras modalidades de financiamento ligadas às metas de ESG.

Outra vantagem da IPO, no caso das empresas familiares de terceira e quarta gerações, é possibilitar a saída de sócios, minimizando eventuais conflitos de avaliação da companhia. Em qualquer empresa, abrir capital exige de seus executivos uma gestão mais eficiente dos ativos, ou seja, é uma possibilidade de alavancar o crescimento, acessar novas formas de financiamento e buscar eficiência operacional de forma acelerada.

Muitas corporações que fizeram a lição de casa saíram na frente e estão colhendo bons frutos. Para os líderes das empresas do agro que desejam ingressar nesse caminho, a boa notícia é que essa janela de oportunidades continuará aberta neste ano. É provável que, num futuro breve, o agro tenha uma representatividade na B3 à altura da sua importância na economia do País. ■